

**Comunicação na, a partir da e para a cultura.
Notas para um balanço dos estudos culturais (em comunicação)
na América Latina: trajetória, temas e críticas¹**

Communication in, from and for culture. Notes for a balance
of cultural studies (in communication) in Latin America:
trajectory, themes, and critics

La comunicación en, desde y para la cultura. Apuntes para un balance
de los estudios culturales (en comunicación) en América Latina:
trayectoria, temas y críticas

Marta Rizo García

Universidad Autónoma de la Ciudad de México | marta.rizo@uacm.edu.mx

Submissão: 5 fev. 2022

Aceite: 25 mar. 2022

Tradução: **Francisco de Assis**

¹ A versão original deste artigo, sob o título *La comunicación en, desde y para la cultura. Apuntes para un balance de los Estudios Culturales (en Comunicación) en América Latina: trayectoria, temas y críticas*, foi publicada no livro *Tradiciones de investigación en diálogo: estudios sobre comunicación en América Latina y Europa*, editado por Fernando Oliveira Paulino, Gabriel Kaplún, Miguel Vicente Mariño e Leonardo Custódio (Media XXI, 2020).

Resumo: O artigo propõe um breve percurso pela trajetória dos estudos culturais na América Latina, enfatizando sua influência na pesquisa em comunicação desenvolvida na região. Além de explorar como os estudos culturais latino-americanos foram construídos e desenvolvidos, são estabelecidos alguns pontos cruciais para compreender o debate sobre a relação entre comunicação e cultura. Pretende-se, por um lado, oferecer algumas pinceladas para compreender o surgimento dos estudos culturais britânicos e as especificidades que caracterizaram sua chegada à região latino-americana. Por outro lado, é interessante aprofundar a concepção de cultura proposta pelos estudos culturais e sua influência na concepção de comunicação; esse objetivo torna-se o centro de interesse do texto, pois permite compreender a relação comunicação-cultura como eixo teórico-epistemológico que articula muitos dos estudos empíricos que vêm sendo realizados no campo da comunicação na América Latina, década de 1980 até hoje. Por fim, recupera-se algumas críticas que os estudos culturais têm recebido.

Palavras-chave: estudos culturais; América Latina; pesquisa em comunicação; epistemologia.

Abstract: The article proposes a brief journey through the trajectory of cultural studies in Latin America, emphasizing its influence on communication research developed in the region. In addition to exploring how Latin American cultural studies were constructed and developed, some crucial points are established to understand the debate on the relationship between communication and culture. It is intended, on the one hand, to offer some brushstrokes to understand the emergence of British cultural studies and the specificities that characterized its arrival in the Latin American region. On the other hand, it is interesting to deepen the concept of culture proposed by cultural studies and its influence on the concept of communication; this objective becomes the centre of interest of the text, as it allows us to understand the communication-culture relationship as a theoretical-epistemological axis that articulates many of the empirical studies that have been carried out in the field of communication in Latin America, from the 1980s until today. Finally, some criticisms that cultural studies have received are recovered.

Keywords: cultural studies; Latin America; communication research; epistemology.

Resumen: El artículo propone un breve recorrido por la trayectoria de los estudios culturales en América Latina, y pone énfasis en la influencia de éstos en la investigación en comunicación desarrollada en la región. Además de explorar de qué modo se construyeron y desarrollaron los estudios culturales latinoamericanos, se establecen algunos puntos cruciales para comprender el debate en torno a la relación entre la comunicación y la cultura. Se pretende, por un lado, ofrecer algunas pinceladas para comprender el surgimiento de los estudios culturales británicos y las especificidades que caracterizaron la llegada de éstos a la región latinoamericana. Por otro lado, interesa profundizar en torno a la concepción de cultura que propusieron los estudios culturales y su influencia en la concepción de la comunicación; este objetivo se convierte en el centro de interés del texto, dado que permite comprender la relación comunicación-cultura como un eje teórico-epistemológico articulador de muchos de los estudios empíricos que se han realizado en el campo de la comunicación en América Latina de los años 1980 a la fecha. Por último, se recupera algunas críticas que han recibido los estudios culturales.

Palabras clave: estudios culturales; América Latina; investigación en comunicación; epistemología.

Apresentação

Este texto propõe um breve passeio pela trajetória dos estudos culturais na América Latina, enfatizando sua influência na pesquisa em comunicação desenvolvida na região. Trata-se não apenas de explorar de que maneira se construíram e desenvolveram os estudos culturais latino-americanos – se assim podemos chamá-los –, mas também de estabelecer alguns pontos cruciais para compreender o debate em torno da relação entre a comunicação e a cultura, que pode ser considerada como uma “marca distintiva” dos estudos em comunicação desenvolvidos na América Latina desde os anos 1980 e, com particularidades e transformações, até hoje.

Em um primeiro momento, apresentam-se alguns dos traços principais dos estudos culturais em geral, originados no final dos anos 1950 no Reino Unido; nesta aproximação histórico-contextual, põe-se ênfase no conceito de cultura que emerge dos estudos culturais, por um lado, e no nexo entre projeto intelectual e projeto político, por outro. Em um segundo momento, expõem-se as particularidades dos estudos culturais na América Latina. Explora-se a centralidade das propostas de Jesús Martín-Barbero e de Néstor García Canclini, considerados os principais expoentes dos estudos culturais na região; oferecem-se algumas linhas de discussão para entender a relação e a articulação entre os estudos culturais e os estudos em comunicação. O texto termina com a exposição de algumas das críticas que os estudos culturais têm recebido; neste ponto, além de oferecer elementos que permitam compreender as críticas, destaca-se, acima de tudo, os alcances do projeto intelectual e político desses estudos para complexificar as análises dos processos midiáticos, compreendidos sempre como processos socioculturais.

O deslocamento dos estudos dos meios para os estudos das mediações sociais e culturais envolvidas nas construções de sentido pelos sujeitos; a consideração da cultura como algo dinâmico, sujeito a mudanças e descontinuidades permanentes; a centralidade ou a ênfase dada aos processos de recepção midiática como *lugares* a partir de e nos quais os indivíduos constroem estratégias de resistência ao hegemônico; o olhar inter e transdisciplinar que permeia toda a proposta dos estudos culturais, em sua origem britânica² e também na América Latina; a importância dada ao contexto e à vida cotidiana como espaços de construção de sentido; a concepção da cultura popular como espaço de poder, e a proposta de pluralismo metodológico ou “antimetodológica” – como alguns autores a chamaram – dos estudos culturais – são alguns dos temas abordados neste texto.

O propósito do texto é triplo. Pretende-se, por um lado, oferecer ao leitor algumas pinceladas para compreender o surgimento dos estudos culturais britânicos e as especificidades que caracterizaram sua chegada à região latino-americana. Por outro lado, interessa aprofundar a concepção de cultura que propuseram os estudos culturais e sua influência na concepção da comunicação; este objetivo se converte no centro de interesse do texto, dado que permite compreender a relação comunicação-cultura como um eixo

² Embora se possa duvidar que a centralidade dos estudos culturais na Europa recaia sobre o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, baseado na cidade de Birmingham, neste texto assumimos esta posição – um tanto ortodoxa, se assim quisermos –, dada a pretensão de oferecer uma visão geral – e necessariamente incompleta – das particularidades dos estudos culturais na América Latina, que, apesar de possuírem especificidades, reconhecem ser devedores – pelo menos inicialmente – das contribuições britânicas.

teórico-epistemológico articulador de muitos dos estudos empíricos que foram realizados no campo da comunicação na América Latina, dos anos 1980 até o presente. Por último, recuperam-se algumas das críticas que os estudos culturais têm recebido e se propõem leituras que permitam compreender tais críticas e relativizá-las, a fim de resgatar a abrangência dos estudos culturais na região, enfatizando alguns dos elementos ou tópicos indicados no parágrafo anterior.

No pano de fundo do texto encontra-se presente, também, o debate em torno da disciplinaridade, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade que segue vigente na discussão sobre a especificidade dos estudos de comunicação. Embora isto não constitua o centro ou o eixo básico do artigo, uma vez que a proposta dos estudos culturais busca, justamente, uma ruptura das tramas disciplinares que caracterizaram a pesquisa social no século XX, parece-nos pertinente recuperar esse debate, sobretudo no que concerne às relações – nem sempre claras – que vêm se dando entre os estudos culturais e os estudos de comunicação na região.

Em suma, as páginas a seguir oferecem alguns elementos para responder a questões como: Quais são as peculiaridades dos estudos culturais desenvolvidos na América Latina? Que temas abordados pelos estudos culturais nos permitem compreender e tornar mais complexa a relação entre comunicação e cultura? Em que medida se pode falar de uma visão cultural da comunicação? Até que ponto o ecletismo teórico e metodológico dos estudos culturais foi transferido para os estudos de comunicação? Como os estudos culturais na América Latina evoluíram na atual ecologia midiático-tecnológica? Que desafios os estudos culturais enfrentam como projeto intelectual, como compromisso inter e transdisciplinar e, enfim, como campo de construção do conhecimento sobre os fenômenos culturais-comunicativos atuais?

Uma visão geral sobre os estudos culturais

A origem dos estudos culturais se encontra no Reino Unido, nos anos 1960. O interesse comum dos pesquisadores que iniciaram essa corrente foi “a cultura inglesa, e a maneira como esta excluía e desqualificava a cultura popular” (AUZA GARRIDO, 2009, n.p). Os pais fundadores dos estudos culturais foram Richard Hoggart, Raymond Williams y E. P. Thompson.

Parte da aposta dos estudos culturais implicava opor-se ao modelo universitário tradicional do Reino Unido daquela época. Daí que foram criados pequenos centros de estudo na periferia das universidades, entre os quais particularmente se destacou o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos³ (CCCS, na sigla em inglês), na cidade de Birmingham. Este centro, que no contexto hispânico conhecemos como Escola de Birmingham, foi definido como “um centro de estudos culturais sobre as formas, as práticas e as instituições culturais e suas relações com a sociedade e a mudança social” (MATTELART, 1997, p. 72).

Os estudos culturais supuseram, desde sua criação, uma ruptura no âmbito acadêmico. Num contexto em que ainda predominavam os estudos de corte funcionalista e

³ Centre of Contemporary Cultural Studies, no original.

crítico sobre os meios de comunicação massiva, os estudos culturais começaram a se interessar por outros objetos de estudo, que foram considerados vanguardistas na época. Referimo-nos, por exemplo, às culturas populares, aos estilos de vida das novas classes, às culturas juvenis, à arte, aos meios de comunicação, à sexualidade e a gênero, etc. Como se pode observar, os meios de comunicação só se constituíram um objeto a mais, não o central. Isso possivelmente se deve, entre outras razões, ao fato de que os estudos culturais tiveram uma marca interdisciplinar desde seu nascimento, algo que observamos nas influências recebidas da sociologia, da antropologia, da linguística, da crítica literária, da filosofia e da teoria da arte, entre outros campos de conhecimento.

Eduardo Restrepo (2014, online) afirma que é importante distinguir os estudos culturais dos estudos sobre a cultura: “Os estudos culturais se diferenciariam dos estudos sobre cultura pela combinação de uma série de traços ou características que os configurariam como um projeto intelectual e político muito particular”. Aqui, interessa destacar três aspectos: o próprio conceito de cultura proposto pelos estudos culturais, sempre em relação com o poder⁴; a natureza interdisciplinar das pesquisas, que já destacamos no parágrafo anterior; e, por último, mas não menos importante, a vontade política dos estudos culturais, isto é, a não circunscrição das pesquisas *culturalistas* à esfera acadêmica e o desenvolvimento de uma “vocação política que busca intervir no mundo”.

Vejam os brevemente algumas particularidades epistemológicas, teóricas e metodológicas dos estudos culturais. No nível epistemológico, caracterizam-se por advogar por um contextualismo radical, isto é, por conceber que todos os fenômenos são resultado das relações que os constituem. No plano teórico, os estudos culturais criticam o teorismo absoluto, e concebem a teorização como “um ato mundano derivado de pesquisas concretas e empiricamente orientadas que estabelecem uma constante luta e interrupção dos insucessos teóricos com os quais conta” (RESTREPO, 2014, online); ou seja, a teoria não é um arcabouço prévio e esclerótico que determina a visão dos fenômenos sociais, mas se constrói *durante* o processo de pesquisa ou é fruto da pesquisa empírica. Por fim, no que se refere à metodologia, os estudos culturais se caracterizam pelo pluralismo metodológico, embora haja predominância de metodologias interpretativas, como a etnografia, a observação participante e a análise de textos. Na dimensão metodológica, há até mesmo vozes que afirmam que os estudos culturais são antimetodológicos:

Não há uma metodologia que os diferencie. Alguns a caracterizam como uma espécie de “bricolagem”: uma ou outra metodologia é utilizada dependendo do assunto de cada investigação. A escolha do método dependerá das perguntas que cada pesquisador faz com base em cada caso estudado. Alguns preferem falar em “práticas metodológicas”: é uma metodologia que vem à tona na prática da pesquisa, na hora de enfrentar os textos e as

⁴ No conceito de cultura que os estudos culturais privilegiaram, cabem os significados e os valores que surgem e se difundem entre as classes e os grupos sociais, bem como as práticas por meio das quais se expressam esses valores e significados. A ênfase nas classes sociais torna inevitável a inclusão do poder em qualquer discussão sobre a cultura.

constantes perguntas e interrogações a que são submetidos (JOHNSON et al apud DEL ARCO BLANCO, 2007, p. 261).

Em termos gerais, os estudos culturais focam seu interesse na análise das formas culturais contemporâneas, e formulam “respostas particulares à inserção das indústrias culturais na vida cotidiana” (ESCOSTEGUY, 2002, p. 37). É interessante destacar que os estudos culturais veem a cultura como algo que emerge, como algo dinâmico que se renova constantemente e que está sempre situada. Daí a importância dada ao contexto em que ocorrem as ações sociais. E, sem dúvida, uma das ações e das práticas sociais que aparecem no centro das reflexões e dos trabalhos dos estudos culturais tem a ver com o papel desempenhado pelas indústrias culturais, por meio da mídia, na configuração da vida cotidiana.

A respeito da vontade política enunciada anteriormente, Nelly Richard (2005) é muito clara ao afirmar que a primeira característica dos estudos culturais foi sua vontade de democratizar o conhecimento e de pluralizar as fronteiras da autoridade acadêmica, propiciando a entrada a saberes que a hierarquia universitária, segundo a autora, tende a discriminar como impuros quando entram em conflito com o exterior do *corpus* de certas fronteiras chamadas de cultura popular, movimentos sociais, crítica feminista, grupos subalternos.

O foco dos estudos culturais, então, se colocou à margem do que se considerava academicamente válido. E é nesse contexto que, a partir dos anos 1980, os estudos culturais começam a trabalhar, com mais ênfase, assuntos relacionados às identidades sociais e com a recepção dos meios de comunicação. Nessa época, de fato, começa a se dar uma quase identificação entre estudos culturais e estudos de comunicação, como veremos posteriormente, quando fizermos referências às particularidades dos estudos culturais no contexto latino-americano.

Assim, nessa década, começa-se a fortalecer a pesquisa sobre os produtos televisivos e sobre sua recepção, a partir de estudos etnográficos e tendo como pano de fundo o modelo *encoding/decoding* proposto por Stuart Hall (1972). Começa-se a analisar como o receptor assimila as mensagens “tratando de identificar as distintas formas de negociação e resistência frente a[os programas], assim como o papel dos contextos culturais nas estratégias de decodificação dos grupos analisados” (SUNKEL, 2006, p. 17). Aborda-se, então, a mídia para além da própria mídia, algo que será central na extensão dos estudos culturais na América Latina. Com as investigações realizadas na década de 1980, inaugura-se o que se conhece como etnografia da mídia, que implica um giro em direção à análise do consumo de produtos midiáticos, compreendidos como produtos culturais.

Embora alguns especialistas afirmem que essa centralidade dos estudos sobre a recepção da mídia implicou, de alguma forma, a diminuição da vocação política dos estudos culturais, não se pode negar as contribuições que essa escola ofereceu aos estudos de comunicação mediada, compreendida como um processo sociocultural, nunca isolado do contexto sócio-histórico. O que interessou aos estudos culturais não foi a mídia em si mesmo, mas o papel que esta desempenha como configuradora de poder, como denotadora de práticas culturais que permitem aos receptores negociar significados sobre a hegemonia e sobre as relações de poder. A tríade mídia-cultura-poder será, como se verá, um dos núcleos centrais dos estudos culturais em sua passagem e consolidação na América Latina.

A partir do que foi mencionado no parágrafo anterior, surge, de fato, uma proposta de definição de estudos culturais que nos parece, ainda que incompleta, sugestiva. É a seguinte: “Disciplina que, por meio de textos ou de qualquer manifestação cultural, tenta penetrar no estudo da cultura e em sua interação com o poder e o contexto em que está inserida” (DEL ARCO BLANCO, 2007, p. 260). Nessa definição, a cultura é concebida como constituída “pela produção, circulação e consumo dos sentidos contidos nos textos” (DEL ARCO BLANCO, 2007, p. 262-263).

Daí que, novamente, enfatizamos o caráter dinâmico e em constante movimento da concepção de cultura sob a qual os estudos culturais se desenvolveram. Este é, talvez, a característica mais determinante da natureza particular dos estudos culturais: a cultura que configuram como objeto de conhecimento ou objeto de estudo se distancia da que disciplinas como a sociologia, a economia ou a antropologia haviam criado. Ou seja, para os estudos culturais, a cultura

não é o conjunto “orgânico” de valores, linguagens, mitos e crenças tradicionais (conceito “antropológico” de cultura), nem tampouco o efeito ideológico dos processos que ocorrem na base material da sociedade (conceito “economicista” de cultura), e muito menos a objetivação do espírito dos grandes criadores e pensadores (conceito “humanista” de cultura)” (CASTRO-GÓMEZ, 2003, p. 351).

Dito de outra maneira, a cultura que interessa aos estudos culturais tem mais a ver com os processos sociais de produção, distribuição e recepção dos artefatos culturais, os quais incluem textos, mitos, valores, obras de arte, etc. Como afirma Santiago Castro-Gómez (2003, p. 351), “os estudos culturais tomam como objeto de análise os dispositivos a partir dos quais se produzem, distribuem e consomem toda uma série de imaginários que motivam a ação (política, econômica, científica, social) do homem”. E, sem sombra de dúvidas, um desses dispositivos são os meios de comunicação.

Essa abordagem da cultura como cenário de disputas, como território de lutas pelo poder, será fundamental para o desenvolvimento dos estudos culturais na América Latina, aos quais dedicamos a próxima seção.

As particularidades dos estudos culturais na América Latina

A denominação estudos culturais parece ter funcionado mais como um projeto intelectual do que como um lugar ou projeto delimitado institucional e disciplinarmente. Essa particularidade também se aplica à chegada e, sobretudo, ao desenvolvimento dos estudos culturais na América Latina, marcada por uma conjuntura muito concreta, caracterizada pelos impulsos permanentes à redemocratização da sociedade e pela primazia dada à observação da ação de movimentos sociais da época.

Em que pese a influência da Escola de Birmingham na adoção dos estudos culturais na América Latina⁵, considera-se que esta “escola” tem sua própria genealogia e anterior

⁵ Dissemos há algumas páginas que os pais fundadores dos estudos culturais foram Hoggart, Williams e Thompson. Na América Latina, Williams é, em nossa opinião, o autor que teve mais peso, por um lado, porque sua

na área. Mónica Szurmuk e Robert Mckee Iirwin (2009, p. 52), por exemplo, afirmam que o “empreendimento interdisciplinar” dos estudos culturais na região latino-americana surge

do ensaio do século XIX, acompanha os desenvolvimentos teóricos e metodológicos da Escola de Frankfurt e os estudos culturais britânicos e se cristaliza nas diásporas latino-americanas, principalmente nos Estados Unidos, mas também no México, na Venezuela e na Colômbia, durante as décadas de oitenta e noventa do século passado.

No mesmo sentido, embora já se debruçando sobre autores do século XX, Jesús Martín-Barbero (2010, p. 135) considera que as bases dos estudos culturais situam-se nas décadas de 1930 a 1950, com autores como Alfonso Reyes (México), Fernando Ortiz (Cuba), José Carlos Mariátegui (Peru) ou Paulo Freire (Brasil), entre outros. Ele afirma, por exemplo, que Mariátegui foi “o primeiro a ousar perguntar, não folcloricamente, mas sociopoliticamente, de que mitos comuns somos feitos os indo-americanos”. Esses autores, segundo Martín-Barbero, começam a traçar uma espécie de percurso do que mais tarde seria chamado de pesquisa cultural, dando conta das realidades latino-americanas da época, com foco nas culturas populares.

Essa “genealogia”, muito anterior à denominação “estudos culturais”, também é observada no fato de que vários acadêmicos se declaram como parte de algo anterior ao nascimento “oficial” dos estudos culturais na América Latina:

Carlos Altamirano, Renato Ortiz, Beatriz Sarlo, entre outros, não se consideram representantes dos estudos culturais latino-americanos, mas dos estudos de cultura e poder, do estudo da cultura, da sociologia da cultura, da análise cultural (FERNÁNDEZ HASAN, 2011, n.p).

De fato, na época da chegada dos estudos culturais à América Latina, o contexto epistemológico foi dominado por tradições intelectuais próximas ao marxismo e ao estruturalismo. Desde aquele momento, e a partir desse lugar de construção do conhecimento, as mensagens midiáticas passaram a ser analisadas com uma visão crítica, que enfatizava a manipulação midiática das massas e a invasão da indústria cultural nas sociedades de então. De algum modo, foi adotada ou assumida uma postura ainda próxima à tradição crítica da Escola de Frankfurt, mas ao mesmo tempo começavam a surgir sinais de interesse em abordar as formas de resistência dessas “massas” diante das mensagens midiáticas; ou seja, começava-se a considerar a relação entre a mídia e os receptores não tanto como uma relação vertical e unidimensional, mas como um lugar de construção de sentidos e negociações permanentes.

O interesse dos estudos culturais pela cultura popular – com a mídia no centro – decorre da consideração de que uma única disciplina – comunicação ou sociologia – não

obra foi traduzida cedo para o espanhol, e, por outro lado, porque seu conceito de cultura foi fortemente incorporado aos debates sobre a relação comunicação-cultura no campo da comunicação na América Latina.

pode dar conta da complexidade das *novas* realidades e cidadanias latino-americanas. Daí a proposta inter e transdisciplinar dos estudos culturais, para os quais os processos culturais não podem ser abordados de forma independente ou isolada.

Há um consenso bastante amplo em torno da consideração de que Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini foram os principais expoentes dos estudos culturais latino-americanos. Ambos os autores, como veremos adiante, “tentam compreender os processos político-culturais contemporâneos à luz da desordem cultural produzida pelas narrativas e pelos discursos midiáticos” (ESCOSTEGUY, 2002, p. 36-37). No entanto, a produção dos estudos culturais não pode ser reduzida a esses dois autores; há outros, como Germán Rey e Eduardo Restrepo, na Colômbia; Jorge González, Rossana Reguillo e José Manuel Valenzuela, no México; Héctor Schmucler, Beatriz Sarlo e Alejandro Grimson, na Argentina; Antonio Candido e José Jorge de Carvalho, no Brasil; Daniel Mato e Edgardo Lander, na Venezuela, ou Nelly Richard e Víctor Silva Echeto, no Chile.

A ênfase na cultura popular e na vida cotidiana são características compartilhadas pelos estudos culturais tanto em suas origens quanto em seu desenvolvimento e em sua consolidação na região latino-americana. Assim como no Reino Unido, a reflexão sobre a cultura popular na América Latina está ligada à reflexão sobre as relações de poder: cultura e poder formam um haltere, e não podem ser entendidos de forma independente. Segundo Valeria Fernández Hasan (2011, n.p), que recupera as obras de Daniel Mato (2001),

a irrupção da denominação “estudos culturais latino-americanos” nas universidades latino-americanas foi consequência de cruzamentos entre as práticas de acadêmicos e intelectuais da América Latina com colegas, universidades, editoras e revistas acadêmicas dos Estados Unidos e do Reino Unido. O aspecto positivo disso seria, para ele [Daniel Mato], o enfraquecimento das rigidezes disciplinares e do poder das instituições acadêmicas que compõem o sistema científico, favorecendo assim iniciativas transdisciplinares. Do lado negativo, indica a sobrevalorização das tendências intelectuais dos centros e a vinculação a elas, enquanto há desencorajamento ou nenhum estímulo à vinculação com práticas críticas em cultura e poder desenvolvidas por intelectuais locais em uma ampla diversidade de movimentos sociais e em outras esferas além das universidades.

Mato advoga pelo não uso da expressão “estudos culturais latino-americanos”, e sugere adotar uma denominação que considera mais pertinente: *estudos latino-americanos sobre cultura e poder*. Este nome, de fato, faz eco com o que comentam Víctor Silva Echeto y Rodrigo Browne Sartori (2007), que concordam em considerar que os estudos culturais da região são formulados a partir dos eixos conceituais de ideologia, política, poder e cultura. Segundo Fernando Quirós (2003, p. 7), os cinco pontos mais importantes que caracterizam os estudos culturais na América Latina são os seguintes:

1. Valorização da capacidade das classes populares e da cultura popular de restringir e interpretar ideologias hegemônicas.
2. Interesse pelo potencial da cultura popular para alcançar a democratização da comunicação e da cultura.

3. Resistência ao abandono ou ignorância da hegemonia ideológica em favor de um poder quase livre e imprevisível de interpretação da mídia.
4. Na análise dos gêneros populares da mídia, destacam que, na região latino-americana, essas formas têm uma tradição própria, alheia às influências das grandes produtoras norte-americanas.
5. Fazem da cultura uma questão política, dando um papel de destaque a novos movimentos na formação da cultura popular.

Embora com nuances diferentes, esses cinco pontos estão presentes também nos estudos culturais britânicos. Talvez o segundo e o quarto pontos sejam, a meu ver, os elementos que mais especificamente nos permitem caracterizar os estudos culturais na América Latina e distingui-los dos britânicos. Também a cultura popular poderia dar lugar a diferentes definições e aproximações, dependendo do contexto de produção acadêmica, do contexto social e da própria história cultural da região latino-americana.

O último ponto merece uma discussão à parte. Assim, no que se refere à proposta política dos estudos culturais na América Latina, tanto em suas origens como hoje, Alejandro Grimson e Sergio Caggiano (2010, p. 17) afirmam o seguinte:

Historicamente, são uma perspectiva teórica que constrói novos objetos e modos de abordagem. Contemporaneamente, é um campo de convergências de disciplinas e perspectivas teóricas, onde a própria politicidade está em questão.

Em suas reflexões, os autores relacionam a politicidade com a indagação sobre as relações de poder, pelos modos como os grupos sociais organizam simbolicamente sua vida em comum. Modos que, sem dúvida, têm na mídia um de seus principais atores.

Antes de dar lugar à reflexão específica sobre a relação conceitual entre a cultura e a comunicação que emana das propostas dos estudos culturais, parece-nos pertinente oferecer uma breve nota sobre os dois principais expoentes da escola na América Latina, que, como já mencionamos, são Jesús Martín-Barbero, com sua proposta de deslocar o interesse da mídia para as mediações, e Néstor García Canclini, que aborda a relação entre comunicação, cultura e poder a partir das formas contemporâneas de consumo cultural.

O interesse dos estudos culturais em analisar as sociedades latino-americanas em toda a sua complexidade e com todas as suas diferenças fez que se requeresse um deslocamento no olhar, ou seja, que se passasse de estudar os meios, em si, para estudar as mediações.

A ponte entre os estudos culturais e os estudos da comunicação deve muito, precisamente, à figura de Jesús Martín-Barbero. Foi como resultado de sua proposta que a comunicação passou a ser observada a partir da cultura popular, de modo que o que interessava era investigar – tanto teórica quanto, sobretudo, empiricamente –, a relação entre cidadania e produtos midiáticos. Estudar os processos de comunicação – fundamentalmente midiáticos – a partir da cultura significava abandonar as visões dos campos de conhecimento que até então haviam se interessado por esses processos, como a sociologia, a semiótica e, até mesmo, o próprio campo da comunicação, antes dominado pelos estudos de corte estrutural-funcionalistas e crítico-marxista.

A proposta de Martín-Barbero implicou, portanto, deixar de observar os meios em si mesmos e passar a observar as mediações, o que significou “deslocar os processos comunicativos até o espaço denso e ambíguo da experiência dos sujeitos, localizada em contextos sócio-históricos particulares” (ESCOSTEGUY, 2002, p. 42). Segundo Quirós (2003, p. 6), na proposta do autor, as mediações são concebidas como

formas, condições e espaço a partir dos quais as mídias são produzidas e consumidas; e que consiste em um processo pelo qual o discurso narrativo da mídia se adapta à tradição narrativa popular do mito e do melodrama, em que as audiências aprendem a resistir à hegemonia cultural e a reconhecer sua identidade cultural coletiva no discurso da mídia.

Toda a proposta de Martín-Barbero (1987), concentrada em sua obra já canônica *De los medios a las mediaciones*⁶, implicou abandonar o olhar midiocêntrico e situar o foco de atenção nas mediações que caracterizam os processos de comunicação, sobretudo no que se refere a sua recepção. Para o autor, a recepção midiática é sempre ativa, isto é, os receptores não aceitam nem assimilam tudo o que os meios emitem, e sim, em um primeiro momento, reconhecem os elementos que têm um determinado significado para eles e, posteriormente, apropriam-se desses significados por meio de diferentes mediações, sejam elas individuais, coletivas e/ou institucionais.

Néstor García Canclini (1993, p. 24), como dissemos, é outro grande representante dos estudos culturais na América Latina. Seu objeto de reflexão e análise foi o consumo no âmbito das culturas populares. O consumo é compreendido como um poderoso canal de difusão da hegemonia entre a população subalterna; e compreendido, também, como o “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” – entre eles, os produtos midiáticos. Essa concepção denota a complexidade da abordagem do consumo, pois este implica práticas culturais de corte, sobretudo, simbólico.

Posteriormente, García Canclini (1993, p. 34) define o consumo cultural como “o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca, ou onde ao menos estes últimos se configuram subordinados à dimensão simbólica”. Visto como uma prática, então, o consumo leva os cidadãos – consumidores – a construir significados e sentidos, de modo que compreender esses processos de consumo pode ajudar, segundo García Canclini, a compreender melhor e de forma mais complexa as realidades sociais da época. Para evitar a dicotomia entre o hegemônico e o subalterno, o autor afirma que “devemos reformular a oposição entre o hegemônico e o subalterno, incluindo outras interações culturais, especialmente os processos de consumo e as formas de comunicação e organização próprias dos setores populares” (GARCÍA CANCLINI, 1984, p. 71). Aqui, observa-se claramente a ênfase na cultura popular, uma das marcas distintivas dos estudos culturais.

Segundo García Canclini, os estudos culturais na América Latina “se organizam em torno de uma tripla reconceitualização: do poder, da ação dos subalternos e da

⁶ Nota do Tradutor: o livro de Jesús Martín-Barbero foi publicado em português, pela Editora UFRJ, em sucessivas edições, sob o título *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*.

interculturalidade” (SILVA ECHETO, 2006, p. 107). Analisar os processos de consumo, para o autor, tem implicações nos modos de conceber o poder das classes hegemônicas e, sobretudo, as formas de resistência e negociação pelas classes subalternas ou populares. Isso constitui, em si mesmo, um fenômeno de interculturalidade.

O consumo, diz o autor,

é o lugar no qual os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, se estendem à distribuição e satisfação das necessidades. É também o conceito-chave para explicar a vida cotidiana, a partir do qual podemos compreender os hábitos que organizam o comportamento dos diferentes setores, seus mecanismos de adesão à cultura hegemônica ou a distinção de grupos, de subordinação ou resistência” (GARCÍA CANCLINI, 1984, p. 73).

Essa aproximação se entrelaça, sem dúvida, com a definição de cultura proposta pelos estudos culturais, bem como nos estudos de recepção midiática realizados a partir dessa corrente.

Em entrevista concedida a Jerónimo Repoll (2010a, p. 142) e publicada na revista *Andamios*, Néstor García Canclini fala sobre como atualmente estamos passando do interesse pelo consumo para o interesse pelo acesso, e afirma:

Há uma mudança de época em relação ao momento em que escrevi *Consumidores e cidadãos*. Nos estudos de comunicação e, em certa medida, nos estudos sociais e culturais, houve um deslocamento dos estudos focados no consumo para os estudos sobre o acesso. Também entendemos o consumo como meio de acesso, mas a lugares territorializados: um cinema, um teatro, um concerto, uma praça ou um estádio. Ao contrário, esses estudos sobre acesso vão além, o acesso é concebido como uma forma de se relacionar com mensagens, espetáculos, informações que circulam pelo mundo de forma transterritorial.

Isso aponta para uma das mudanças que têm marcado a evolução dos estudos culturais na América Latina, na atual ecologia midiático-tecnológica, questão que levantamos na apresentação deste texto.

Por outro lado, sobre o debate disciplinar, naquela mesma entrevista (REPLL, 2010a, p. 142), García Canclini comentou o seguinte:

A forma de fazer perguntas mudou. Passamos para um estágio mais transversal, intermediário e transnacional, em que nenhuma disciplina pode abarcar a totalidade, não pode falar com seus recursos tradicionais tanto do global quanto do íntimo ou doméstico. É preciso combinar estratégias de conhecimento.

Essa ideia leva o autor a criticar a indistinção disciplinar dos estudos culturais. Aqui, vemos, então, como García Canclini se converte em crítico de uma escola da qual se

considera um dos principais promotores na região latino-americana. Vejamos suas palavras, registradas por Repoll (2010a, p.142-143):

Não estou de acordo com certa indefinição dos saberes disciplinares promovida pelos estudos culturais, especialmente os *cultural studies*. Minha opinião é a de que convém formar-se em uma disciplina, mas as disciplinas teriam que ser reestruturadas para incorporar, de modo mais fluido, os saberes das outras, dependendo dos temas, das escalas de análise, do que elas querem saber. Acima de tudo, na graduação, é necessária uma formação disciplinar. A transversalidade, a transdisciplinaridade é mais produtiva na pós-graduação, quando se tem uma sólida formação em alguma disciplina.

Como se pode observar, a produção dos estudos culturais na região latino-americana é heterogênea. Por isso é complicado – ou arriscado – aventurar-se a indicar quais países lideram esse campo. Talvez, por serem pioneiros na institucionalização da comunicação (com a cultura no centro) como campo acadêmico, possamos apontar para México, Brasil e Argentina.

Apesar das peculiaridades de cada um dos autores que temos apresentado, é sem dúvida um elemento comum a consideração da comunicação e da cultura como fenômenos inter-relacionados, ou seja, que não podem ser entendidos de modo independente. A isso dedicamos a seção seguinte.

A relação entre cultura e comunicação nos estudos culturais

Ainda que, seguindo Víctor Silva Echeto (2006, p. 110), levemos em conta que, “na relação entre estudos culturais e comunicação, encontramos alguns conceitos básicos como identidades, identificações, interculturalidade, mercado, produção e consumo”, consideramos que não é este o espaço para oferecer definições de todos esses termos. Em vez disso, apresentamos a seguir algumas definições e reflexões sobre os dois principais conceitos: a cultura e a comunicação.

Ambos são conceitos amplamente definidos no âmbito das ciências sociais e são, sem dúvida, centrais tanto para os estudos de comunicação como para os estudos culturais. Com o objetivo de sintetizar o *magma* de informações gerado em torno desses conceitos, são apresentados, a seguir, apenas alguns significados de cada um.

Da sociologia e da antropologia, muitas definições de cultura enfatizam características como as seguintes: baseia-se em símbolos universais que nos ajudam a nos comunicar; é compartilhada entre diferentes seres humanos; e, finalmente, é aprendida ou adquirida. Como se pode observar, nesses traços a comunicação está presente em múltiplas formas: primeiro, pela existência de símbolos que ajudam os seres humanos a se comunicar e que são construções culturais; em segundo lugar, pelo fato de que a cultura é transmitida, e portanto precisa de meios para sua difusão; e, por último, porque a aprendizagem e a aquisição da cultura também implicam formas comunicativas de mediação entre sujeitos, ou entre dispositivos e sujeitos. Assume-se, então, que a cultura proporciona às pessoas um quadro de referência cognitivo geral para uma compreensão de seu mundo e de seu

funcionamento. Isso lhes permite interagir com outras pessoas e fazer previsões de expectativas e de acontecimentos.

Até aqui, a ênfase está posta na dimensão subjetiva da cultura (TRIANDIS, 1977), segundo a qual cultura seria a resposta das pessoas à parte do ambiente construída pelo homem, ou a forma característica de um grupo perceber e significar seu ambiente social (BRISLIN, 1981). Para María Jesús Buxó i Rey (1990), a cultura é o sistema de conhecimento de cujos significados o sujeito peneira e seleciona sua compreensão da realidade, e interpreta e regula os fatos e os dados de seu entorno. E é pertinente aqui também fazer referência à cultura como um processo, para o qual se toma a clássica definição oferecida por Clifford Geertz (1987): a cultura como rede de significados ou de sentidos, traduzidos em uma espécie de programa, que servem para significar a vida cotidiana. Como se pode observar, a maioria das definições selecionadas põe ênfase na cultura como princípio organizador da experiência humana, e não como conjunto de produções materiais de uma determinada sociedade.

No que diz respeito à comunicação, também existem concepções muito diversas. Em seus significados mais antigos, o termo referia-se a comunhão, união, estabelecer relação e compartilhar algo. Essa definição, sem dúvida, afasta-se da associação quase automática da comunicação com a transmissão de informação por meio de um veículo técnico: os meios massivos. A comunicação pode ser entendida como a interação por meio da qual grande parte dos seres vivos adapta seu comportamento ao ambiente. A comunicação também foi concebida como o próprio sistema de transmissão de mensagens ou informações, entre pessoas físicas ou sociais, ou de uma destas para uma população, através de meios pessoais ou de massa, por meio de um código de signos também acordado ou fixado arbitrariamente. Mais ainda, o conceito de comunicação também inclui o setor econômico, que aglutina as indústrias da informação, da publicidade e dos serviços de comunicação em geral para uma grande diversidade de instituições. Esses significados evidenciam que estamos diante de um termo, sem dúvida, polissêmico.

Consideramos que, em linhas gerais, a relação entre comunicação e cultura requer, sobretudo, considerar a comunicação como o processo básico para a construção da vida em sociedade, como mecanismo de ativação do diálogo e da convivência entre os sujeitos sociais. E é um fato indubitável, ou sobre o qual há um consenso muito amplo, que no campo da comunicação o “cultural” é oficialmente reconhecido como um legado da escola britânica dos estudos culturais, o que já explicamos em páginas anteriores.

A vocação dos estudos culturais é a análise das condições de construção da vida social e simbólica dos atores sociais, dentro da qual cabe uma infinidade de temas – alguns dos quais, claro, tocam em questões relacionadas à comunicação e, sobretudo, aos meios de comunicação, concebidos como *lugares* de construção de sentido. A partir dos estudos culturais, a cultura é entendida como um terreno efetivo onde se constrói a hegemonia, e a comunicação, como um processo complexo geralmente associado à recepção dos meios massivos e a seu papel na construção da vida social.

Como mencionamos anteriormente, é na década de 1980 que os estudos culturais na América Latina começam a se interessar pelo papel desempenhado pelos meios de comunicação na configuração de identidades sociais e culturais. Nesse sentido, Florencia

Saintout (2008) explica, de forma muito pontual, que os estudos culturais permitiram uma nova maneira de abordar a comunicação a partir de mudanças como as seguintes:

- da comunicação como assunto técnico à comunicação como questão de cultura, de percepções e de sensibilidades;
- da comunicação como questão de poder à comunicação como partilha (a dominação como processo de comunicação);
- da comunicação como problema de reprodução, de aparatos e de estruturas, à comunicação como questão de produção e de subjetividades.

Com a mídia no centro, os processos comunicativos são concebidos, antes de tudo, como processos de construção de sentido. É assim que, nessa época, começaram a proliferar os trabalhos empíricos focados nas audiências, sendo então a recepção midiática a parte do processo comunicativo ao qual se dedicou maior interesse, o que em si constituiu uma novidade, já que anteriormente se dava mais ênfase às análises textuais das mensagens midiáticas. A respeito, vale a pena recuperar o que Jerónimo Repoll (2010b, p. 89) comenta sobre os estudos culturais de audiências ou estudos de recepção:

O estudo das audiências se converte em uma plataforma de pesquisa sobre os processos culturais das sociedades *massmediatizadas*, nas quais o encontro entre mídia, textos e audiências se mostra como um dos terrenos mais bem preparados e mais férteis para a compreensão da estruturação da vida cotidiana, da inter-relação constitutiva entre os processos micro e macrosociais que ali se encontram.

Assim, os estudos culturais enfatizam o caráter ativo da audiência e a consequente polissemia das mensagens midiáticas, que são suscetíveis a múltiplas interpretações. Como expõe amplamente Marcelo Padilla (2003), os estudos de audiência realizados a partir dos estudos culturais tentaram reagir a duas análises que dominaram o cenário acadêmico anterior: por um lado, supuseram uma reação ao modelo de corte marxista que se centrava em explicar o mecanismo de dominação da mídia em relação às audiências; e, por outro, se propuseram reagir às análises textuais – distanciadas da estrutura social – que eram realizadas sobre os discursos transmitidos pela mídia.

Em suma, a abordagem cultural da comunicação, ou a abordagem da comunicação a partir da cultura, promovida pelos estudos culturais, levou a várias rupturas. Passou-se de conceber os meios de comunicação como veículos de dominação a considerá-los lugares de produção e negociação de significados – daí a ênfase dada à recepção, e não ao conteúdo, embora ambas as dimensões não possam ser vistas completamente separadas –; as audiências foram investigadas empiricamente – sempre consideradas como ativas – para demonstrar que os espaços cotidianos de consumo midiático são geradores de cultura; optou-se, portanto, por uma compreensão da comunicação para além da mídia em si, defendendo conceber os processos comunicativos como processos culturais cuja importância é inegável nas culturas populares das sociedades latino-americanas, da época e de hoje.

Uma pincelada sobre a institucionalização dos estudos culturais na América Latina

Como vimos, a década de 1980 representa um importante ponto de inflexão para o desenvolvimento dos estudos culturais na região latino-americana. Poderíamos dizer que é a partir dessa década que eles começam a se institucionalizar, algo que podemos ver como paralelo à institucionalização do campo acadêmico da comunicação. Nesta seção, oferecemos algumas pinceladas gerais sobre esse processo, centrando-nos basicamente em duas questões: os cursos de pós-graduação e as publicações sobre estudos culturais na América Latina.

Seguindo Mato (2002), a chegada dos estudos culturais latino-americanos às universidades latino-americanas tem sido consequência de entrecruzamentos das práticas de acadêmicos e intelectuais da América Latina com colegas, universidades, editoras e revistas acadêmicas dos Estados Unidos e do Reino Unido. O autor vê nisso elementos positivos e negativos: o positivo está no enfraquecimento da rigidez disciplinar e do poder das instituições acadêmicas, favorecendo iniciativas transdisciplinares; o negativo é a supervalorização das tendências intelectuais dos centros e o vínculo com elas, bem como o desencorajamento ou nenhum estímulo ao vínculo com práticas críticas em cultura e poder desenvolvidas por intelectuais locais, em uma ampla diversidade de movimentos sociais e em outras áreas além das universidades (FERNÁNDEZ HASAN, 2011).

No início do século XXI, já havia programas de pós-graduação em estudos culturais em muitos – se não em quase todos – países da América Latina. Predominam os mestrados, mas não são poucos os programas de doutorado. Algo que Mónica Szurmmuk e Robert Mcke Iirwin (2009, p. 57) destacam é que há pouco contato entre os diferentes programas da região, mesmo entre programas de um mesmo país. Para os mesmos autores, “em quase todos os países da América Latina, os programas de estudos culturais surgem nas décadas de 1990 e 2000, que são momentos de maior auge da pós-graduação, da corporativização da universidade e da retirada do Estado como principal financiador da cultura” (SZURMMUK; MCKE IIRWIN, 2009, p. 59). Com base na revisão realizada por esses autores, apresentamos a seguir uma tabela com os principais programas em vários países da região latino-americana:

Tabela 1. Programas de Pós-Graduação em Estudos Culturais na América Latina

País	Programas
Argentina	<ul style="list-style-type: none"> • Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (Área de Estudos Culturais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires) • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade Nacional de La Plata, Faculdade de Ciências Humanas e da Educação) • Mestrado em Estudos Sociais e Culturais (Universidade de Morón) • Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Cultura (Universidade Nacional de La Pampa) • Doutorado em Ciências Humanas com Menção em Estudos Sociais e Culturais (Universidade Nacional de Tucumán) • Especialização em Estudos Culturais (Universidade Nacional de Catamarca)

	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Sociologia da Cultura e Análise Cultural (Universidade Nacional de Santiago del Estero) • Instituto de Altos Estudos (Universidade Nacional de San Martín) • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade Nacional de Rosário)
Bolívia	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Diplomado</i> em Estudos (Inter)Culturais, Teorias Pós-Coloniais e Pensamento Decolonial (Universidade Andina Simón Bolívar)
Brasil	<ul style="list-style-type: none"> • Pós-Doutorado em Estudos Culturais (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Chile	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade de Artes e Ciências Sociais) • Mestrado e Doutorado em Estudos Latino-Americanos (Centro de Estudos Culturais Latino-Americanos, Universidade do Chile)
Colômbia	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade Nacional) • Mestrado em Estudos Culturais (Pontifícia Universidade Javeriana) • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade de Los Andes)
Costa Rica	<ul style="list-style-type: none"> • Doutorado em Estudos de Sociedade e Cultura (Universidade da Costa Rica)
Cuba	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Humanidades com Ênfase em Estudos Culturais (Universidade de Havana)
Equador	<ul style="list-style-type: none"> • Doutorado em Estudos Culturais (Universidade Andina Simón Bolívar) • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade Andina Simón Bolívar)
México	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Estudos Socioculturais (Instituto Tecnológico de Estudos Superiores do Oriente) • Mestrado em Estudos Socioculturais (Universidade Autônoma da Baixa Califórnia e Colégio da Fronteira Norte) • Mestrado e Doutorado em Teoria Crítica (Instituto 17) • Mestrado em Estudos Culturais (Universidade Autônoma de Chiapas) • Doutorado em Estudos Socioculturais (Universidade Autônoma de Aguascalientes)
Peru	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Estudos Culturais (Pontifícia Universidade Católica do Peru)
Venezuela	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Estudos Sociais e Culturais (Universidade de Los Andes) • Doutorado em Ciências Sociais com Menção em Estudos Culturais (Universidade de Carabobo)
Internacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Teoria e Metodologia das Ciências Sociais (CLACSO) • Diploma Superior em Estudos Culturais (CLACSO)

Fonte: Elaboração da autora com base em Mónica Szurmuk e Robert McKee Irwin (2009).

Por não ser um campo disciplinar, os estudos culturais se difundem em revistas e livros que geralmente são atribuídos ao campo das ciências sociais, em geral, e ao da comunicação, em particular. Pelo menos assim ocorre na América Latina, onde comunicação e cultura, como vimos nas páginas anteriores, são dois conceitos cuja relação marcou o desenvolvimento do campo acadêmico da comunicação desde antes dos anos 1980.

Não são muitos, então, os centros de pesquisa em cuja denominação aparece o rótulo “estudos culturais”⁷. Há algumas exceções, como o Museu-Instituto de Pesquisas Culturais

⁷ Referimo-nos apenas a alguns centros de pesquisa, e neste texto não consideramos os grupos de pesquisa que existem em várias universidades (ou que são interinstitucionais ou articulados em associações de pesquisadores). Outros centros de pesquisas que, ainda e estando inscritas no campo da comunicação, de algum modo têm relação com o âmbito acadêmico dos estudos culturais são, entre outros, os seguintes: Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura (Brasil); Centro de Pesquisa em Estudos Culturais, Educacionais e da Comunicação (Argentina); Centro Interdisciplinar Boliviano de Estudos da Comunicação (Bolívia); Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Equador).

da Universidade Autônoma da Baixa Califórnia, em Mexicali, no México⁸; o Instituto de Pesquisas Gino Germani da Universidade de Buenos Aires, na Argentina⁹; o Centro de Estudos Culturais Latino-Americanos da Universidade do Chile¹⁰; ou o Grupo de Pesquisa e Estudos Culturais da América Latina (GIECAL) da Universidade de Los Andes, na Venezuela¹¹. Assim, para explorar os principais canais de divulgação da pesquisa em estudos culturais realizados na região latino-americana, pareceu mais pertinente apresentar algumas das revistas acadêmicas cuja orientação principal – não exclusiva – são os estudos culturais. Listamos abaixo alguns dos títulos¹²:

- *Afro-Ásia*.
Universidade Federal da Bahia, Brasil.
<http://www.afroasia.ufba.br/>.
- *Bordes – Revista de Estudios Culturales*.
Universidade dos Andes, Venezuela.
<http://erevistas.saber.ula.ve/bordes/>
- *Caribbean Studies*.
Instituto de Estudos do Caribe, Universidade de Porto Rico.
http://iec-ics.uprrp.edu/?page_id=1794
- *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*.
Universidade Nacional de Jujuy, Argentina.
<http://revista.fhycs.unju.edu.ar/index.php/cuadernos>
- *Cuadernos Interculturales*.
Universidade de Playa Ancha, Chile.
<http://www.redalyc.org/revista.oa?id=552>
- *Culturales*.
Universidade Autônoma da Baixa Califórnia, México.
<http://culturales.uabc.mx/index.php/Culturales>
- *Diálogos de la Comunicación*.
Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social, Peru.
<http://dialogosfelafacs.net/>
- *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*.
Universidade de Colima, México.
<http://www.culturascontemporaneas.com/>
- *Lua Nova*.
Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, Brasil.
<http://www.cedec.org.br/luanova.asp>

⁸ Disponível em: <<http://www.iic-museo.uabc.edu.mx/>>.

⁹ Disponível em: <<http://iigg.sociales.uba.ar/>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://cecla.uchile.cl/>>.

¹¹ Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/handle/123456789/3216_56>.

¹² A maior parte das informações sobre as revistas foi extraída da página da Rede de Revistas Científicas da América Latina e de Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/>>.

- *Meridional – Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos.*
Universidade do Chile.
<http://www.meridional.uchile.cl/>
- *Nómadas.*
Universidade Central da Colômbia.
<http://nomadas.ucentral.edu.co/>
- *Revista Mexicana del Caribe.*
Universidade de Quintana Roo, México.
<http://recaribe.uqroo.mx/>
- *Signo y Pensamiento.*
Pontifícia Universidade Javeriana, Colômbia.
<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento>
- *TabulaRasa.*
Colégio Universitário da Cundinamarca, Colômbia.
<http://www.revistatabularasa.org/>
- *Theomai.*
Universidade Nacional de Quilmes, Argentina.
<http://revista-theomai.unq.edu.ar/>

Os programas de pós-graduação, por um lado, e as revistas acadêmicas, por outro, são parâmetros importantes para explorar a institucionalização de um determinado campo de estudos. Neste caso, e como já foi assinalado, o fato de os estudos culturais não constituírem um campo disciplinar *per se*, torna mais complicada a procura por associações, grupos, instituições e órgãos acadêmicos de difusão das pesquisas realizadas na região, as quais, como já dissemos, em muitos casos aparecem diluídas em outros campos das ciências sociais, em geral, e das ciências da comunicação, em particular.

Vozes críticas

Tudo o que foi exposto nas seções anteriores nos permite afirmar que os estudos culturais se caracterizam por sua constante redefinição. Não são, em nenhum sentido, uma disciplina fechada, com teorias prefixadas ou metodologias fixas. O que tem sido apontado por alguns como um aspecto positivo dos estudos culturais, essa permanente redefinição e reconstrução, por outros – que falam inclusive de indefinição – tem sido tomado como alvo de críticas.

Fica claro também que os estudos culturais, mais que uma escola em si, são uma combinação de saberes e ação política. Essa condição particular, e sobretudo de natureza muito heterogênea, tem implicado muitos obstáculos aos estudos culturais para se legitimarem como campo de conhecimento. Antes, são considerados conhecimentos em construção, um projeto político-intelectual, mais que institucional.

A crítica de maior peso que os estudos culturais receberam é, consideramos, aquela que os marca como promotores do relativismo cultural. Críticos como Jim McGuigan (1992 apud DEL ARCO BLANCO, 2007, p. 274), por exemplo, afirmam que desde a década de 1990 os estudos culturais “têm perdido todo o senso crítico das culturas populares:

eles as contemplam, as analisam e até as exaltam, mas não as submetem à crítica, situando-as em um contexto de relações materiais de poder”. Em sentido similar, Enrique Sánchez Ruiz (2005) é contundente ao criticar que os estudos culturais relativizam tanto suas ideias no hibridismo cultural e nas identidades particulares, que provocam a perda do contexto histórico e social onde essas noções se desenvolvem.

A crítica acima está relacionada ao que tem sido chamado de *culturalismo*, que também tem sido alvo de comentários não muito positivos. Nesse sentido, destaca-se, por exemplo, a posição expressada por José Sánchez Parga (2006, p. 210). O autor afirma que o *culturalismo* dos estudos culturais declina

para um tipo de *culturologia*, não apenas quando se propõe a fazer da cultura uma ciência ou um discurso científico e a explicar os fatos e os fenômenos culturais à margem da sociedade, mas também quando suas pretensões explicativas têm como objeto os mesmos fatos e processos ou instituições sociais.

Isso, segundo o autor, resulta em “uma profunda mutação tanto na forma de conceber a cultura quanto na sua experiência, contribuindo, sobretudo, para a perda da cultura como produção de sentidos, de significantes e de funções simbólicas nos fatos e nas realidades sociais” (SÁNCHEZ PARGA, 2006, p. 216).

Outras críticas apontam para a ausência de rigor epistemológico. Roberto Follari (2002), por exemplo, afirma que os estudos culturais padecem de fragilidade na construção do conhecimento. O autor, em sentido semelhante ao apontado no parágrafo anterior, afirma que os estudos culturais contribuem para fetichizar a cultura, no sentido de que acreditam que o social pode ser substituído pelo cultural, deixando de lado questões-chave, como as estruturas de poder. Follari considera que os estudos culturais se autoproclamam a resposta a questões econômicas, sociológicas ou políticas, cobrindo-as sob o guarda-chuva insuficiente da cultura.

A crítica de corte epistemológico alcança também a pretensão de transdisciplinaridade dos estudos culturais, que alguns autores observam com receio. Fernández Hasan (2011, n.p) recupera a voz de Grimson e Caggiano e afirma que esses autores “não deixam de apontar que o risco que se detecta no que parece ser a elaboração de projetos pretensiosamente transdisciplinares é que podem desconhecer as tradições bibliográficas, os modos de formular problemas e de ensaiar resoluções que as disciplinas deram em suas respectivas histórias”.

No mesmo sentido, Carlos Reynoso (2000, p. 304), outro crítico dos estudos culturais, não hesita em afirmar que estes tentam abordar questões particulares a partir de uma perspectiva que ultrapassa e cruza as fronteiras disciplinares. Para o autor, os estudos culturais carregam uma “atitude pueril de antidisciplinaridade não fundada em nenhuma crítica disciplinar substantiva, ou baseada em uma concepção mecanicamente determinista das práticas acadêmicas”.

Por fim, os estudos culturais também têm recebido críticas pela falta de construção de evidências empíricas em suas pesquisas. Isso, nas palavras de Armand Mattelart e Erik Neveu (2004, p. 84), implica “uma generalização abusiva de impressões”.

Fica claro que os estudos culturais são mais uma possibilidade interdisciplinar que um “espaço sectário” (DE CARVALHO, 2010, p. 234). Segundo o mesmo autor, “não são uma única disciplina, não têm uma única teoria, nem um único enfoque, nem um método básico, nem uma linhagem única, e nem sequer um cânon preciso” (DE CARVALHO, 2010, p. 234). Essas características distintivas dos estudos culturais podem ser vistas simultaneamente como uma possibilidade e um obstáculo. Na América Latina, se julgarmos o volume de trabalhos realizados, a visibilidade de seus autores básicos e, sobretudo, as contribuições que deram para uma maior e melhor compreensão das culturas populares da região – com suas particularidades e diferenças por épocas e por áreas geográficas –, podemos nos aventurar a dizer que são inegáveis os aportes dos estudos culturais e que os vemos, sim, como um projeto intelectual aberto à construção do conhecimento não limitado ao acadêmico, com vocação explicativa e, sobretudo, compreensiva das sociedades atuais.

Referências

AUZA GARRIDO, María Alejandra. *Ficciones y realidades de los estudios culturales*. [S.l.]: FlacsoAndes, 7 set. 2009. Disponível em: <<https://www.flacsoandes.edu.ec/agora/ficciones-y-realidades-de-los-estudios-culturales>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

BRISLIN, Richard W. *Cross-Cultural Encounters: Face-to-Face Interaction*. New York: Pergamon Press, 1981.

BUXÓ I REY, María Jesús. Vitricas, cristales y espejos: dos modelos de identidad en la cultura urbana de las mujeres Quiche de Quetzaltenango. In: ALCINA FRANCH, José (Comp.). *Indianismo e indigenismo en América*. Madrid: Alianza Editorial, 1990. p. 132-144.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Apogeo y decadencia de la teoría tradicional. Una visión desde los intersticios. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 69, n. 203, p. 343-353, abr./jun. 2003.

DE CARVALHO, José Jorge. Los estudios culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 12, p. 229-251, jan./jun. 2010.

DEL ARCO BLANCO, Miguel Ángel. Un paso más allá de la historia cultural: los *cultural studies*. In: ORTEGA LÓPEZ, Teresa María (Ed.). *Por una historia global*. El debate historiográfico en los últimos tiempos. Granada: Universidad de Granada, 2007. p. 259-289.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Una mirada sobre los estudios culturales latinoamericanos. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, época 2, v. 8, n. 15, p. 35-55, 2002.

FERNÁNDEZ HASAN, Valeria. Balance de los estudios culturales en América latina. La ruta de la comunicación en la definición de objeto. *Nómadas – Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*, Madrid, n. esp., 2011. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/download/37960/36723>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

FOLLARI, Roberto. *Teorías débiles*. Para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales. Rosario: Homo Sapiens, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. El consumo cultural y su estudio en México: una propuesta teórica. In: GARCÍA CANCLINI, Néstor (Coord.). *El consumo cultural en México*. México, D.F.: Conaculta, 1993. p. 15-42.

_____. Gramsci con Bourdieu. Hegemonía, consumo y nuevas formas de organización popular. *Nueva Sociedad – Democracia y Política en América Latina*, Buenos Aires, n. 71, p. 69-78, mar./abr. 1984.

GEERTZ, Clifford. *La interpretación de la cultura*. México, D.F.: Gedisa, 1987.

GRIMSON, Alejandro; CAGGIANO, Sergio. Respuestas a un cuestionario: posiciones y situaciones. In: RICHARD, Nelly (Ed.). *En torno a los estudios culturales: localidades, trayectorias y disputas*. Buenos Aires: CLACSO, 2010. p. 17-30.

HALL, Stuart. Encoding/Decoding. In: HALL, Stuart et al (Eds.). *Culture, Media, Language*. Working Papers in Cultural Studies. London: Hutchinson, 1972. p. 128-138.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Notas para hacer memoria de la investigación cultural en Latinoamérica. In: RICHARD, Nelly (Ed.). *En torno a los estudios culturales: localidades, trayectorias y disputas*. Buenos Aires: CLACSO, 2010. p. 133-141.

_____. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. México, D.F.: Gustavo Gili, 1987.

MATO, Daniel (Coomp.). *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

_____. Cultura, comunicación y transformaciones sociales en tiempos de globalización. In: MATO, Daniel; MALDONADO FERMÍN, Alejandro (Comps.). *Cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización: perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 13-84.

MATTELART, Armand. *Historia de las teorías de la comunicación*. Barcelona: Paidós, 1997.

_____.; NEVEU, Erik. *Introducción a los estudios culturales*. Barcelona: Paidós, 2004.

PADILLA, Marcelo. De sastres académicos. Los estudios culturales como modalidad sin objeto. *Revista Confluencia*, Mendoza, ano 1, n. 1, p. 1-18, 2003.

QUIRÓS, Fernando. De críticos a vecinos del funcionalismo. *Portal Infoamérica*, p. 1-12, 2003.

REPOLL, Jerónimo. Desigualdades, diferencias y desconexiones. Los retos de la comunicación y la democracia en América Latina. Entrevista a Néstor García Canclini. *Andamios – Revista de Investigación Social*, México, D.F., v. 7, n. 14, p. 139-149, set./dez. 2010a.

_____. *Arqueología de los estudios culturales de audiencia*. México, D.F.: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2010b.

RESTREPO, Eduardo. Estudios culturales en América Latina. *Revista de Estudos Culturais*, São Paulo, n. 1, jun. 2014. Disponível em: <<http://each.uspnet.usp.br/revistaec/?q=revista/1/estudios-culturales-en-am%C3%A9rica-latina>>. Acesso em: 1 fev. 2015.

REYNOSO, Carlos. *Apogeo y decadencia de los estudios culturales: una visión antropológica*. Barcelona: Gedisa, 2000.

RICHARD, Nelly. Globalización académica, estudios culturales y crítica latinoamericana. In: MATO, Daniel (Comp.). *Cultura, política y sociedad: perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 185-199.

SAINTOUT, Florencia. Los estudios socioculturales y la comunicación: un mapa desplazado. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 5, n. 8-9, p. 144-153, jan./dez. 2008.

SÁNCHEZ PARGA, José. El culturalismo: atrofia o devastación de lo social. *Perfiles Latinoamericanos*, México, D.F., n. 27, p. 193-225, jan./jun. 2006.

SÁNCHEZ RUIZ, Enrique. *La política de las categorías de análisis: mitos y realidades sobre la globalización, la integración y las identidades*. 2005. Original do autor.

SILVA ECHETO, Víctor. Mirada crítica desde la Comunicación y las Humanidades a los Estudios Culturales. *Boletín Hispánico Helvético*, v. 7, p. 101-118, 2006.

_____.; BROWNE SARTORI, Rodrigo. *Antropofagias. Las disciplinas de la comunicación*, Santiago: Universidad Austral de Chile, 2007.

SUNKEL, Guillermo. El consumo cultural en la investigación en comunicación-cultura en América Latina. In: SUNKEL, Guillermo (Coord.). *El consumo cultural en América Latina*. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2006. p. 15-44.

Marta Rizo García

COMUNICAÇÃO NA, A PARTIR DA E PARA A CULTURA. NOTAS PARA UM BALANÇO
DOS ESTUDOS CULTURAIS (EM COMUNICAÇÃO) NA AMÉRICA LATINA: TRAJETÓRIA, TEMAS E CRÍTICAS

SZURMUK, Mónica; MCKEE, Robert. Los estudios culturales en programas de post-grado en América Latina: propuestas pedagógicas y metodológicas. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 10, p. 49- 75, jan./jun. 2009.

TRIANDIS, Harry C. Subjective Culture and Interpersonal Relations Across Cultures. *Annals of the New York Academy of Sciences*, n. 285, p. 418-434, 1977.

Marta Rizo García

Professora na Universidad Autónoma de la Ciudad de México.